

humanitas

Vol. LIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LIV • MMII



UM EXEMPLAR MEMORÁVEL DE CATALDO

A copy of *Epistole et orationes quedam Cataldi siculi* now in Biblioteca Municipal do Porto, but in the 16th century in the library of the Mosteiro de Santa Cruz, in Coimbra, was read by four noteworthy people. They were the humanists Juan Fernández and Hilário Moreira in the 16th century; the historian Alexandre Herculano and the latinist Manuel Bernardes Branco in the 19th century.

The latinist Bernardes Branco translated the letter entitled "Cataldus prospero et rabi drepanitano ad ueritatem conuersionem", not caring about the fact that three words are missing. The present author was able to provide the missing words and read: "Cataldus prospero [medico] et rabi drepanitano ad ueritatem conuersionem [suadens S.]".

Bernardes Branco did not understand that *prospero* was the name of the rabi and called him the "happy" rabi, while the letter shows that he was most unhappy. The clue for the new reading comes from a poem where Cataldus says that his countryman Prosper was a Jewish physician who received the name Henry after his conversion to Christianity.

Mestre Henrique is one of the physicians of Gil Vicente's *Farsa dos Físicos*.

Chamo "memorável" ao exemplar de *Epistolae et Orationes Quaedam Cataldi Siculi*, Lisboa, Valentim Fernandes, 1500, existente na biblioteca Municipal do Porto, porque foi utilizado por quatro personagens historicamente identificáveis. São elas Juan Fernández, Hilário Moreira, Alexandre Herculano e Manuel Bernardes Branco.

Os dois primeiros fizeram uso deste incunábulo em Coimbra, no século XVI, no Mosteiro de Santa Cruz, em cuja biblioteca ele se encon-

trava. Foi daí que Alexandre Herculano o levou para a Biblioteca do Porto, depois da extinção das ordens religiosas, após a vitória dos liberais na guerra civil.

Antes de 1537, ano da transferência da Universidade para Coimbra, funcionavam no Mosteiro de Santa Cruz cursos de Humanidades, de nível universitário. Foi aí que em 1537, o flamengo Clenardo assistiu a uma exibição de Grego, encenada para o impressionar, pelo helenista Vicente Fabrício e seus alunos.

Vicente Fabrício era alemão e não tem qualquer parentesco com o francês Arnaldo Fabrício que em 21 de Fevereiro de 1548 pronunciou a oração solene de abertura do Colégio das Artes, em Coimbra.

No discurso *De Celebritate Academiae Conimbricensis*, pronunciado na Universidade de Coimbra, em 17 de Julho de 1548, Juan Fernández fala do 3.º marquês de Vila Real, D. Pedro de Meneses, ao saudar o Reitor em exercício, D. André de Noronha, filho de D. João de Noronha, irmão de D. Pedro de Meneses. Na casa de Vila Real, o primogénito usava o apelido de Meneses e seus irmãos, o de Noronha.

Mestre João Fernandes recorda que o Marquês D. Pedro de Meneses, tio do Reitor, “o acalentara e ajudara a ele, um estrangeiro, de modo a criar-lhe possibilidade de se dedicar aos seus trabalhos literários, não menos do que outrora Mecenas aos seus amigos Horácio e Vergílio”¹

O 3.º Marquês de Vila Real falecera cinco anos antes e estas palavras revelam um contacto pessoal entre o aristocrata e o humanista.

A comparação com Mecenas, todavia, tem um sentido mais profundo neste contexto. O Marquês não é apenas um benfeitor, mas uma figura da alta nobreza (lembramos o *Maecenas, atavis edite regibus* de Horácio) e um homem altamente cultivado, como o amigo de Augusto. Isto supõe o conhecimento de *Cataldi Epistolae I* que existia na biblioteca do Mosteiro de Santa Cruz, onde o sevilhano João Fernandes ensinava.

II. A oração de sapiência de Hilário Moreira (1552)

Uma leitura que em tempos fizera da *oratio* de 1552, pronunciada por Hilário Moreira, deixou-me a impressão de que ele fora influenciado pelo conhecimento da oração de Bolonha de Cataldo Parisio Sículo. Recomendei, por isso, ao Prof. Albino de Almeida Matos uma leitura atenta da *Oratio*

¹ Jorge Alves Osório, *M.º João Fernandes: A Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*, Coimbra, I. E. C., 1967, p. 136.

habita Bononiae publice a Cataldo in omnium scientiarum et in ipsius Bononiae laudes, publicada no já referido livro primeiro das *Epistolae* em 1500. No seu livro *Oração de Sapiência de Hilário Moreira*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (INIC), 1990, que é baseado na sua tese de licenciatura, o Doutor Albino de Matos confirmou essa minha sugestão (cf. p. 103, n. 68).

A sua opinião pode colher-se de palavras como as seguintes: “Terá Hilário Moreira seguido de perto outros modelos que não os parisienses? Quanto ao elogio de Coimbra, não oferece dúvidas que lho inspirou a oração de sapiência de Cataldo Parisio Sículo, proferida na Universidade de Bolonha em 1500. Há ali também o elogio de Bolonha. E a coisa não ficou só por aqui. Como se verá mais adiante, Cataldo forneceu ao nosso autor abundância de material, particularmente no que diz respeito à retórica e ao direito.” (p. 17)

Convém corrigir um mal-entendido que se introduziu no texto acabado de citar e que aparece mais de uma vez neste livro do Doutor Albino de Matos: a *oratio* de Cataldo não foi proferida em Bolonha em 1500, pois o humanista estava em Portugal, desde 1485; foi proferida de facto, em Bolonha, antes deste ano, mas impressa em Lisboa, em 1500.

O autor volta a mencionar a presença de Cataldo no discurso de Hilário Moreira, ainda nas páginas 18, 20, 36, 60, 97, 98 (*bis*), 101, 103 (*ter*), 106. Cito do “Índice Onomástico”.

Quanto ao exemplar utilizado, não há dúvida de que foi o de Santa Cruz, pois Hilário Moreira, quer tivesse sido o cónego regente D. Hilário, sugerido por Albino de Matos no seu livro, quer não, frequentou certamente Santa Cruz e a sua biblioteca até se doutorar em Teologia em 1558. Por outro lado, a liberdade com que usa o texto de Cataldo mostra que o livro do humanista italiano era já então raro.

III. Alexandre Herculano e Bernardes Branco

No vol. I, fascículo 4, p. 165 de *O Panorama*, publicado a 27 de Maio de 1837, uma nota histórica não assinada, mas com o cunho inconfundível de Alexandre Herculano, trata de uma edição raríssima das obras de Cataldo Parisio Sículo de que existia um exemplar na Biblioteca do Porto. Referia-se em particular a certa carta do humanista a um judeu seu compatriota na qual intentava convertê-lo ao Cristianismo².

² A. Costa Ramalho, *Para a História do Humanismo em Portugal*, IV, Lisboa, INCM, 2000, pp. 59-64.

Trinta anos mais tarde, na mesma revista *O Panorama*, de 1867 (Vol. XVII, 2.º da 5.ª Série), o latinista Manuel Bernardes Branco atribuiu a menção inicial de Cataldo ao “Sr. A. Herculano” e informa que o exemplar de *Epistolae et Orationes quaedam Cataldi Siculi* (1500) viera da biblioteca do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra para a Biblioteca do Porto.

E tenta uma tradução da carta “Cataldus prospero et rabi drepanitano (...)”, mas comete vários erros, logo a começar pelo título.

Em Cataldo os antropónimos são grafados geralmente com inicial minúscula, a não ser que comecem o período. O próprio Criador é designado com minúscula “*ds = deus*”. Ignorando esta prática, Bernardes Branco tomou *prospero* por um adjetivo e traduziu “Cataldo ao venturoso rabi napolitano”, título que contrasta abissalmente com o conteúdo da carta, por tal forma que seria mais exacto chamar desgraçado ao pobre rabi do que venturoso.

Mas Próspero é um nome próprio, pertencente a um médico judeu da corte, que se tornou Henrique, depois de baptizado como cristão. Com efeito, no poema I das *Visiones*, publicadas cerca de 1513, escreve o humanista:

*Hic etiam Prosper, natiuo nomine Prosper,
Nunc posito Henrici nomine fidus adest
Iampridem Siculis qui cum discederet oris
Venit in hos noster compatriota lares.*

(Visionum liber I)

“Também aqui está fielmente Próspero, de seu nome originário chamado Próspero, e agora com o nome de baptismo de Henrique. Vindo há muito das costas sicilianas, este nosso compatriota, aqui se radicou”.

Mestre Henrique está presente como amigo e como médico, juntamente com Mestre Rodrigo, e ambos tratam Cataldo, gravemente enfermo em sonhos.

Vim a identificar Próspero com Mestre Henrique da “Farsa dos Físicos” de Gil Vicente.

A circunstância de Próspero ser médico permitiu-me reconstituir o título da carta, acrescentando o que parece faltar, entre parênteses rectos: “*Cataldus prospero [medico] et rabi drepanitano ad ueritatem conuersionem [suadens S.]* ou, em tradução portuguesa, “Cataldo a Próspero, médico e rabi natural de Trapani, persuadindo-lhe a conversão à verdade, saudações”.

Publiquei a tradução desta carta em *Latim Renascentista em Portugal*, Lisboa, FCG/JNICT, ²1993, pp. 30-39.

Tratei de Próspero, “médico e rabi drepanitano”, com maior desenvolvimento, nos capítulos “Cataldo Sículo em Portugal” e “Mestre Anrique da ‘Farsa dos Físicos’ de Gil Vicente” de *Estudos sobre o século XVI*, Lisboa, INCM, ²1983.

Fique, assim, lembrado este exemplar das *Epistolae et Orationes quaedam Cataldi Siculi* (Lisboa, 1500) que, com objectivos diferentes, quatro figuras da vida cultural portuguesa, duas do século XVI, João Fernandes e Hilário Moreira, e duas do século XIX, Alexandre Herculano e Manuel Bernardes Branco, leram e aproveitaram.